



UNICAMP  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

**COMVEST**  
Comissão Permanente para os Vestibulares

# 2006

vestibular nacional  
**UNICAMP**

2ª Fase

Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa

## INTRODUÇÃO

Como em anos anteriores, trazemos a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Vestibular Unicamp 2006, comentada pela banca elaboradora. Nessa prova, em que o objetivo é avaliar a relação do candidato com a linguagem em seus diversos aspectos, as questões procuraram focalizar, sobretudo, os processos de significação e as diferentes possibilidades de formulação da escrita. As questões de Literatura, por sua vez, tiveram como objetivo a avaliação da leitura literária, assim como o conhecimento efetivo da lista de livros previamente divulgada.

Neste material, as questões, comentadas pela banca elaboradora, são acompanhadas pelas respostas esperadas e também por dois exemplos de resoluções, sendo um com nota abaixo da média e outro com nota acima da média, de forma a oferecer aos candidatos e aos professores elementos para um melhor entendimento dos critérios de correção em uma prova dissertativa. Esperamos mostrar, sobretudo, que a correção, embora pautada em critérios pré-estabelecidos pela banca elaboradora, procura contemplar maneiras distintas de formular as respostas. O que consideramos importante ilustrar é que a grade proposta pela banca elaboradora não é definitiva, mas adaptada para incluir respostas que, embora adequadas aos objetivos propostos pelas questões, não foram inicialmente contempladas.

Através deste material, esperamos estabelecer um diálogo profícuo com candidatos e professores, salientando os problemas mais recorrentes observados na correção, muitos deles causados por interpretações equivocadas das diretrizes ou dos enunciados das questões. É importante que o candidato leia atentamente a prova e identifique as instruções específicas de cada questão, observando as diferenças, por exemplo, entre citar, explicar, relacionar, definir, etc. Muitos pontos são perdidos porque leituras são feitas de forma ligeira e sem a devida atenção ao objetivo da questão.

Um outro aspecto importante que merece nossa consideração é que muitos candidatos não parecem se dar conta de tratar-se, neste caso, de uma prova de língua, e não de história ou política atual, e as interpretações inevitavelmente devem levar em consideração as construções lingüísticas.

Esperamos, pois, que com este material o candidato possa fazer uma análise da prova que não se restrinja aos seus aspectos superficiais, o que consideramos fundamental para uma preparação bem sucedida.

## QUESTÕES 1 e 2

Leia o trecho a seguir e responda:

– Vovô, eu quero ver um cometa!

Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.

– Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.

Muito tempo atrás...atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.

E vovô Leone continuava:

– Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...

Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.

(Ilke Brunhilde Laurito, *A menina que fez a América*. São Paulo: FTD, 1999, p. 16.)

**1.** No trecho “Muito tempo atrás...atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.”

a) Identifique os sentidos de ‘atrás’ em cada uma das três ocorrências.

b) Compare “Atrás de minha memória daquele tempo” com “Atrás do jardim da minha casa”. Explique os sentidos de ‘atrás’ em cada uma das frases.

## Resposta Esperada

### a) (3 pontos)

Em 'Muito tempo atrás' o sentido de 'atrás' é de temporalidade. Em 'Atrás de onde' o sentido é de espacialidade. Em 'Atrás de minha memória daquele tempo' os sentidos são de temporalidade e de espacialidade.

### b) (2 pontos)

Na comparação entre as duas frases, observamos que 'atrás', na relação com 'jardim da minha casa', tem um sentido de espacialidade, sendo que na relação com 'memória daquele tempo' apresenta a concomitância entre os sentidos espacial e temporal. A palavra 'jardim' configura um limite espacial, enquanto a palavra 'memória' ao mesmo tempo configura um limite marcado pelo tempo e pelo espaço. 'Atrás', na relação com memória, significa ao mesmo tempo 'aquém' do espaço da memória e 'anterior' ao tempo da memória. Essa concomitância imprime um jogo poético à construção, que faz ressoar as duas construções anteriores: 'muito tempo atrás' e 'atrás de onde'.

## Exemplo Acima da Média

a) Em "Muito tempo atrás" o termo "atrás" apresenta sentido de tempo decorrido. Já em "atrás de onde?", tem sentido de lugar como comprova o termo "onde".

Na expressão "Atrás de minha memória daquele tempo", "atrás" adquire os dois sentidos (tempo e lugar abstrato).

b) Na frase "Atrás do jardim da minha casa" o termo "atrás" tem sentido estritamente de lugar físico. Já na frase "Atrás de minha memória daquele tempo", há o sentido temporal e de lugar, embora, neste caso, o lugar seja abstrato ("memória"). Como "memória" implica em noção de tempo, pode-se ainda dizer que o termo "atrás" está relacionado a tempo.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Em "Muito tempo atrás" atrás tem o sentido de antes.  
Em "atrás de onde" atrás tem o sentido de na parte de trás.  
Em "Atrás de minha memória daquele tempo" atrás tem o sentido de através.

b) Na primeira frase "atrás" tem o sentido de através enquanto que na segunda frase tem o sentido de na parte de trás.

## Comentários

No item a da questão 1, esperava-se que o candidato identificasse o sentido de cada 'atrás' no trecho apresentado. É importante salientar que o pedido era para indicar os sentidos e não a função gramatical ou a explicação da história, como fizeram equivocadamente muitos candidatos. Bastava mencionar que a primeira ocorrência apresentava um sentido temporal, a segunda trazia um sentido espacial e a terceira reunia o sentido das duas anteriores. Muitos candidatos apresentaram dificuldades

na identificação do sentido de 'atrás' na terceira ocorrência e tentaram dar sinônimos para a palavra, sinônimos esses, no entanto, que não explicavam seu sentido, tais como 'em busca de', 'através' e outros semelhantes. Quanto às duas primeiras ocorrências, não foram consideradas adequadas respostas em que foram usadas palavras (tais como 'antes', 'anterior', 'distante', dentre outras) que poderiam ser interpretadas tanto em seu sentido temporal quanto espacial, se o candidato não apontasse a qual sentido estava se referindo.

Já no item **b**, era necessário que o candidato comparasse as duas frases indicadas e explicasse os sentidos de 'atrás' em cada uma. Esperava-se que o candidato pudesse entender que as duas ocorrências de 'atrás' tinham um sentido espacial; enquanto o primeiro agregava a esse espaço uma noção de tempo (trazida pela expressão 'memória daquele tempo'), o segundo referia-se apenas a uma localização física, concreta. Não foram consideradas adequadas as respostas que fizeram uma análise sintática das frases ou uma simples referência aos conceitos de conotativo/denotativo, sem dar maiores explicações. Não era suficiente, para garantir o total de pontos nesse item, fazer somente menção aos dois sentidos de 'atrás', já que a resposta completa exigia a comparação entre as duas frases.

**2.** Releia o seguinte recorte: "Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês".

a) Explique as relações que as expressões 'cauda daquele tempo', 'olhos do futuro' e 'cabeça nas nuvens' estabelecem entre si.

b) No mesmo trecho, explique a relação do aposto com o movimento dos olhos do personagem.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

As relações que as expressões estabelecem entre si estão marcadas tanto nos nomes 'cauda', 'olhos' e 'cabeça' quanto nos adjuntos adnominais 'daquele tempo', 'do futuro' e 'nas nuvens'. A cauda tem uma localização posterior e aponta para trás, para 'aquele tempo'; os olhos têm uma localização anterior e apontam para a frente, para 'o futuro'; a cabeça tem uma localização superior e aponta para cima, para 'as nuvens'. Há, portanto, uma congruência entre o nome e seus adjuntos que se repete nas três expressões.

b) (3 pontos)

O aposto 'o camponês' estabelece uma relação de contraponto entre vovô Vincenzo e vovô Leone, o astrônomo. A neta, quando na casa de vovô Leone, devaneia com os olhos no céu da Saracena, só os baixando à terra quando chega à casa de vovô Vincenzo. O movimento dos olhos, nesse contraponto, baixam das estrelas e dos astros para a terra, o chão firme, dos sonhos e lembranças para a realidade, do futuro e do passado para o presente da vida, da constante busca por novas descobertas para a constância do trabalho cotidiano no campo, da abertura do céu para o contato das mãos com a terra.

## Exemplo Acima da Média

a) Tais expressões são essencialmente temporais: "cauda daquele tempo" e "olhos do futuro" remetem-nos a tempos distantes, respectivamente, para trás (passado) e para frente (futuro) do tempo-atual, o presente, quando a menina está "com a cabeça nas nuvens".

b) O aposto de voz *Vincenzo "o camponês"*, revela uma explicação para o movimento dos olhos da personagem. Isto porque se o avô astrônomo fazia a andar "com a cabeça nas nuvens", já que a astronomia interessava por planetas, cometas, etc. quando falava com seu outro avô, o camponês, nada mais natural que tratarem de assuntos relacionados à terra, seus cultivos, suas benesses, etc. Logo, seus olhos deixavam de apreciar os elementos celestes e passaram à contemplação das terrestres, por influência do avô camponês.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Todas relacionam-se com a observação do céu. "Cauda daquele tempo" refere-se à cauda de um cometa; "olhos ~~no~~ do futuro" a direção do movimento dos astros ~~ou~~ e ao fato de que o céu que se observava era um "céu passado"; "cabeça nas nuvens" além de sua significação usual, remete ao imaginário humano quanto ao desconhecido firmamento.

b) O aposto "com a cabeça nas nuvens" pode ser interpretado de duas maneiras distintas, tanto como "distraidamente" como "pensando no céu", e ambas expressam o fascínio da personagem pelo firmamento, o brilho em seus olhos intenso como o das estrelas e cometas que tem em mente.

## Comentários

O item **a** da questão 2 solicitava que o candidato explicasse as relações estabelecidas entre as expressões citadas. Muito comuns, embora inadequadas, foram as respostas que mencionaram que todas pertenciam ao campo da astronomia, ou que se referiam ao cometa; também inadequadas foram as respostas que tentavam relacionar cada expressão ao contexto maior da história. Essas explicações ignoraram uma instrução importante da questão: dizer qual a relação que as expressões estabeleciam **entre si**, e não somente com outras partes do texto. Portanto, esperava-se que o candidato reconhecesse a relação temporal e/ou espacial que as três frases traziam. Poderiam ser indicadas as relações com as partes de um corpo, tais como 'cauda', 'olhos' e 'cabeça' e as diferentes direções ou tempos representados pelas expressões: 'cauda daquele tempo' indicando uma direção para trás e/ou um tempo passado; 'olhos do futuro' uma direção para frente e/ou um tempo futuro; e 'cabeça nas nuvens' representando uma direção para cima e/ou o tempo presente. Muitos candidatos perceberam a relação temporal trazida pelas expressões, mas foram poucos os que as relacionaram com as partes de um corpo ou com as direções.

No item **b**, era necessário explicar o movimento dos olhos da personagem em sua relação com o aposto presente no trecho em destaque. A resposta adequada partia da correta identificação do aposto – 'o camponês'. Vários candidatos apontaram equivocadamente como aposto 'cabeça nas nuvens' (o mais comum entre os erros encontrados) o que os fazia perder, conseqüentemente, os pontos desse item. Para que a resposta fosse completa, era necessário que relacionasse o movimento dos olhos aos dois avós. Quando com o avô astrônomo, a menina olhava para cima e tinha os 'olhos brilhantes como estrelas' e a 'cabeça nas nuvens'. Já com o avô camponês seus olhos 'se voltavam para baixo'. Explicações que mencionavam a simplicidade do avô camponês, sua ignorância ou falta de instrução quando comparado ao avô astrônomo não foram consideradas adequadas, pois não eram justificadas pelo texto. Também inadequadas foram as respostas que afirmavam que se tratava de um mesmo avô em momentos diferentes, equívoco esse que pode ser explicado por uma leitura superficial, já que no texto eram mencionados, claramente, dois avós, Leone e Vicenzo.

## QUESTÕES 3 e 4

Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S. Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli



OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo



3. Na tira de Angeli, observamos um jogo de associações entre a frase-título 'O imundo animal' e a seqüência de imagens.

- A frase-título 'O imundo animal' nos remete a uma outra frase. Indique-a e explicita as relações de sentido entre as duas frases, fazendo referência ao conjunto da tira.
- A frase-título 'O imundo animal' sugere um processo de prefixação. Explique.

### Resposta Esperada

a) (3 pontos)

A outra frase é 'o mundo animal'.

O jogo semântico se constrói com a remissão das imagens do conjunto dos homens caracterizados na tira como mascarados e engravatados, que se referem ao conjunto de políticos brasileiros envolvidos em corrupção, à expressão "imundo animal", que imediatamente estabelece a associação com "mundo animal", típica da classificação biológica. É importante observar que na relação entre as imagens e as expressões "imundo animal" e "mundo animal" se afirma a coletividade dos políticos corruptos e a sordidez de sua conduta enquanto um mundo específico. b) (2 pontos)

Embora na tira o jogo semântico entre 'imundo' e 'mundo' permita pensar num processo de prefixação, já que 'in-' (também sob as formas *i-, im-, il-, ir-*) é um prefixo de negação que compõe muitas palavras da língua portuguesa, as relações sincrônicas de nossa língua não mantêm entre as palavras 'mundo' e 'imundo' qualquer aproximação semântica, o que impossibilita justificarmos sincronicamente a construção de 'imundo' por prefixação. (No latim *mundus* tinha o sentido de 'limpo', mas esse sentido não se manteve no português atual. Portanto, o processo de prefixação para 'imundo' só se justifica no caso de um estudo etimológico).

## Exemplo Acima da Média

- a) A frase "O mundo animal" tem relação com a frase "O mundo animal". Isso porque a tira mostra os homens em bandos, em conchas, à espreita, tal qual animais fazem. E devido ao envolvimento dos personagens da tira em falcatrias políticas, eles seriam considerados animais "mundos", por isso o título.
- b) Embora tenha havido o acréscimo da letra i ao início da palavra "mundo", não houve uma prefixação, já que as palavras mundo (equivalente a SUJO) e mundo não têm semelhanças em relação aos seus significados.

## Exemplo Abaixo da Média

- a) A frase-título "Imundo animal" não remete à frase "animal sujo". As duas frases envolvem os animais, entretanto a primeira indica, com base na tira, o mundo sujo dos animais, baseado na corrupção e no roubo.
- b) A palavra "imundo" assim como ocorre a frase-título, é formada a partir do processo de prefixação, no qual a palavra primitiva é "mundo".

## Comentários

No item a, o candidato deveria indicar uma outra frase a qual a frase-título 'O imundo animal' fazia referência, assim como explicitar as relações de sentido entre as duas frases, a partir do conjunto da tira. Em primeiro lugar, portanto, era necessário mencionar a frase 'O mundo animal'. Alguns exemplos de frases consideradas inadequadas foram 'O animal imundo', 'O animal sujo', 'O imundo mundo animal', dentre outras. Após a identificação da frase correta, era preciso comparar as duas frases. Necessariamente essa comparação teria que passar pela interpretação da tira. Em relação a 'O mundo animal' esperava-se que o candidato fizesse referência aos hábitos ou modos de vida dos animais e em relação a 'O imundo animal,' que fizesse referência ao grupo dos políticos que, na tira, são comparados aos animais por serem retratados em bandos, com feições animalizadas, e que, além de tudo, são imundos e corruptos. Muitos candidatos comparavam as duas frases, mas se esqueciam de voltar à tira e explicar como essa comparação foi construída.



No item **b**, o que se esperava era a explicação do motivo pelo qual 'O imundo animal' sugeria um processo de prefixação. Para tanto, era necessário que o candidato tivesse identificado corretamente, no item anterior, a frase 'O mundo animal', para, a partir daí, entender a sugestão de prefixação entre as palavras 'mundo' e 'imundo'. É importante ressaltar que o enunciado da questão não afirmava, mas apenas sugeria um processo de prefixação. Muitos candidatos apontaram, de maneira equivocada, tratar-se de uma prefixação, que justificavam pelo acréscimo da vogal 'i' ao radical 'mundo', não se dando conta de que os sentidos das duas palavras eram totalmente diferentes. Respostas consideradas adequadas foram aquelas que reconheciam que, apesar do fato de muitas palavras realmente serem formadas com o acréscimo da letra 'i' a um radical – por exemplo, 'útil' e 'inútil', 'responsável' e 'irresponsável', dentre outras – não havia, nesse caso, um processo de prefixação, já que 'mundo' e 'imundo' pertencem a campos semânticos diferentes, não mantendo qualquer relação de sentido entre si.

**4.** No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão 'um aparte' pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

## Resposta Esperada

a) **(1,5 pontos)**

O espaço institucional é o do âmbito político e/ou do âmbito jurídico. Tanto o pronome de tratamento 'Vossa Excelência' quanto a palavra 'aparte' permitem essa identificação, pois ambas são típicas desses espaços institucionais.

b) **(1,5 pontos)**

Essa segmentação pode resultar em 'uma parte' e/ou em 'um à parte'. 'Um aparte' significa comentário, acréscimo, interrupção na fala do outro. 'Uma parte' significa um pedaço, um bocado, vantagem, propina, mensalão. 'Um à parte' significa algo conseguido ilicitamente ou uma conversa em particular.

c) **(2 pontos)**

No quadrinho, a fala de um dos ratos apresentando as expressões 'Vossa Excelência' e 'um aparte' identifica esses animais como membros de um espaço institucional político e/ou jurídico. Consensualmente significado como um animal imundo e repulsivo, a associação entre rato e político leva ao sentido de 'político corrupto, imoral'. A imagem de um dos ratos junto ao pedaço de queijo relacionada à expressão 'aparte' traz a associação com 'uma parte', que significa o queijo como algo a ser dividido, remetendo a favorecimento, propina e ao mensalão. O conjunto das expressões verbais e das imagens constrói o quadro da crise política brasileira no que se refere especificamente ao mensalão.

## Exemplo Acima da Média

a) A expressão é típica dos espaços políticos, como período e comarca de deputados. Sua identificação pode ser feita devido as palavras "Vossa Excelência" e "um aparte".

b) Segmentada de outra maneira, a expressão "um aparte" se torna "uma parte", onde o primeiro significa "uma abreviação" e a segunda "um pedaço".



e) Relacionando-se as imagens com a situação do crime político, os ratos estavam representando os políticos, e o queijo representando um lugar ilegal. Dessa maneira, usando uma expressão típica dos políticos, que devido à pobreza pode ser entendida de outro modo, o ratinho estava pedindo um pedaço do queijo, refletindo a situação política onde disfarçadamente os políticos, usando artifícios políticos, lucravam indevidamente com o dinheiro do povo.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Esse espaço institucional é o plenário da República. As palavras que permitem essa identificação são: "vossa excelência" e "aparte".  
b) A expressão resultante dessa segmentação é "um pedaço".  
c) A interpretação de um quadrinho leva uma série de fatores em consideração, são eles: contexto histórico, as falas dos personagens, os desenhos. Após a análise desses fatores é que se pode construir de maneira correta a interpretação.

## Comentários

O item **a** da questão 4 solicitava que o candidato citasse o espaço institucional em que a frase 'Vossa Excelência me permite um aparte?' pudesse ser utilizada, assim como as palavras que justificassem esse uso em tal espaço. A resposta mais adequada era a que fazia referência aos espaços político ou judiciário. Respostas em que lugares tais como Senado ou Câmara dos deputados eram citados ou que faziam referência aos atos ou atividades desenvolvidas nesses espaços (tais como CPIs ou sessões do Congresso Nacional) também foram aceitas. Não foram consideradas, entretanto, as respostas que faziam menções a cargos tais como presidente ou deputado, ou ainda a lugares genéricos como, por exemplo, Planalto. É importante também lembrar que havia, no texto, palavras como 'Vossa Excelência' e 'aparte', típicas do cenário político e judiciário, que poderiam auxiliar o candidato, servindo de pistas para a identificação desse espaço e que deveriam ser citadas pelo candidato para garantir uma resposta completa.

Para o item **b**, o candidato deveria apresentar a expressão resultante da segmentação da expressão 'um aparte', assim como o sentido das duas expressões, a original e a segmentada. É importante salientar que o candidato deveria partir da expressão 'um aparte' e não apenas da palavra 'aparte'. Assim, as possibilidades de segmentação eram 'uma parte' ou 'um à parte' e não outras, como por exemplo, aquelas em que eram consideradas apenas uma parte da expressão original, como em 'a parte'. Além de reconhecer o sentido de 'um aparte' como de 'comentário', 'observação', 'pedido para falar', era também preciso mencionar o sentido da outra expressão: no caso de 'uma parte', esse sentido seria 'um pedaço', 'uma porção', 'uma fatia do todo'; no caso de 'um à parte', seria 'algo separado', 'ilícito', 'fora do combinado', 'ilegal'. Inesperada ainda que muito recorrente foi a explicação de 'aparte' como *apart* hotel, residência ou moradia, resposta considerada totalmente inadequada ao contexto da questão.

Já no item **c** era solicitada a interpretação do quadrinho baseada nas relações entre imagens e palavras. O candidato deveria perceber que os políticos eram comparados a ratos (tanto pelas imagens quanto pelo uso do vocabulário típico de um político) e que o queijo era comparado ao dinheiro que os deputados querem compartilhar (novamente, tanto pelas imagens quanto pelo jogo feito com a expressão 'aparte', já explicitado no item **b**). Diversos candidatos partiram para explicações externas, ou seja, sobre o cenário político atual, esquecendo-se do trabalho com a linguagem e com as imagens construído na tirinha, que era o esperado para que uma resposta fosse considerada completa.

5. Na sua coluna diária do Jornal *Folha de S. Paulo* de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: "No Brasil nem a esquerda é direita!".

a) Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?

b) Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?

c) Comparando a afirmação "No Brasil nem a esquerda é direita" com "No Brasil a esquerda não é direita", qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de 'nem' por 'não'?

## Resposta Esperada

a) (1 ponto)

A ironia está ancorada nas palavras 'esquerda' e 'direita'.

b) (2 pontos)

'Direita' e 'esquerda' significam posições políticas distintas na história do Brasil. A isso se acrescenta a imagem de honestidade sempre reafirmada pela esquerda. Direita também congrega o sentido adjetivo de conduta correta, ética, honesta.

c) (2 pontos)

Em "No Brasil nem a esquerda é direita", o 'nem' generaliza a afirmação e estabelece uma escala de radicalidade ausente na frase construída com 'não': "No Brasil a esquerda não é direita". A afirmação com 'nem' produz o sentido de que nada nem ninguém mais seriam confiáveis. A substituição de 'nem' por 'não' faz desaparecer essa radicalidade, substituindo-a pela constatação de que a esquerda não seria correta.

## Exemplo Acima da Média

a) Esquerda, direita.

b) Esquerda e direita são termos utilizados para definir a ~~posição política~~ orientação ideológica política.

Mas direita também tem o significado de correta, certa, honesta.

c) Na afirmação "No Brasil nem a esquerda é direita", temos o sentido de que ninguém no País, inclusive os partidos de esquerda, são diretos.

Na afirmação "No Brasil a esquerda não é direita", temos o sentido de que os partidos de esquerda não são honestos, sem afirmar nada sobre os outros partidos.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Nas palavras "nem"; "esquerda" e "direita".

b) "Nem" exprime um sentido de nenhuma, "esquerda" seria o partido político que é contra o governo e "direita" seria o partido político a favor do governo.

c) Quando se usa o "nem" expressa o sentido de que a nem a esquerda é direita, nenhum outro partido é contrário ao governo, <sup>ainda</sup> que no Brasil só existem partidos a favor do governo; porém quando utilizamos o "não", significa que esquerda não é direita, <sup>ou seja, há</sup> partidos contrário ao governo, que a esquerda é contrário ao governo.

## Comentários

O item **a** pedia a identificação das palavras que produziam ironia à frase 'No Brasil nem a esquerda é direita!'. Era uma pergunta simples, de resposta objetiva: 'direita' e 'esquerda'. Mesmo diante de tal simplicidade, alguns candidatos se equivocaram e escolheram a palavra 'nem' e até mesmo a frase inteira, não selecionando as palavras esperadas.

Já o item **b** solicitava os sentidos das palavras envolvidas na polissemia da frase em questão. Era necessário, primeiramente, identificar as palavras adequadas (item **a**) para, então, indicar os sentidos possíveis. Esperava-se que o candidato reconhecesse o sentido político de 'esquerda' e 'direita' (lados opostos), além do sentido de 'correto', 'certo', 'honesto' da palavra 'direita'. Outro sentido possível, mas que não era necessário ser explicitado, era o sentido de oposição física entre 'direita' e 'esquerda'. Necessário, entretanto, era reconhecer que o sentido político referia-se a posições ideológicas diferentes e não, como diversos candidatos apontaram, erroneamente, 'direita' como a situação, o partido que está no governo e 'esquerda' como oposição, o partido que não está no governo. Nesse item, não era preciso dar maiores explicações sobre o contexto político e a situação brasileira atual, já que o item **c** se encarregava dessa questão. Bastava, portanto, mencionar os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia.

O item **c**, por sua vez, trazia duas frases semelhantes, uma utilizando 'não' e a outra 'nem', e solicitava uma comparação entre as duas para a identificação da diferença de sentido causada pela substituição do 'nem' pelo 'não'. O candidato deveria reconhecer o caráter abrangente de 'nem', na medida em que inclui todos como não direitos ou honestos – é importante lembrar que essa interpretação dependeria de uma resposta também adequada ao item **b** – e o caráter restritivo do 'não', limitando a falta de honestidade ou retidão somente aos partidos de esquerda, não fazendo menção aos demais. Para que a resposta fosse considerada adequada, era preciso passar pela questão política e pelos diferentes sentidos de 'esquerda' e 'direita' e não apenas referir-se à palavra 'nem' como abrangente e 'não' como restritiva; ou apenas construir outras frases que mantivessem essa relação, ignorando as frases mencionadas na questão.

**6.** Na capa do caderno *Aliás* do jornal *O Estado de S. Paulo* de 10 de julho de 2005, encontramos o seguinte conjunto de afirmações que também fazem referência à crise política do Governo Lula:

Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento. Juscelino sabia que seria absolvido pela História. Jânio sabia que sua renúncia embutia um projeto autoritário. Jango sabia o tamanho da conspiração ao seu redor. Médici ia ao futebol, mas sabia de tudo. Geisel sabia que Golbery entendera o projeto de abertura. (...)

a) Em todas as afirmações, há um padrão que se repete. Qual é esse padrão e como ele estabelece a relação com a crise política do atual governo?

b) Apresente, por meio de paráfrases, duas interpretações para a palavra 'tanto' na frase "Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento".

## Resposta Esperada

a) (3 pontos)

O padrão que se repete é composto pelo sujeito de todas as frases, que são nomes próprios que se referem a Presidentes da República do Brasil, e o verbo 'saber', presente em todas as frases, com foco

na relação entre o Presidente da República e a crise que teve início em maio de 2005.b) (2 pontos)  
Para ressaltar o sentido de intensidade/quantidade de 'tanto' temos, entre outras, as seguintes paráfrases: "Getúlio tanto sabia, que preparou a carta-testamento."; "Getúlio sabia demais e por isso preparou a carta-testamento."; "Getúlio preparou a carta-testamento porque sabia muito."; "Getúlio sabia tantas coisas que preparou a carta-testamento.". Para ressaltar a relação consecutiva 'tanto que' temos, entre outras, as seguintes paráfrases: "Getúlio sabia sim, tanto que preparou a carta-testamento."; "Getúlio sabia, e sendo assim preparou a carta-testamento.".

## Exemplo Acima da Média

A - O padrão é a repetição da palavra sabia após a menção do nome de um presidente, fazendo assim uma crítica indireta ao presidente, ou seja, que diz não saber da corrupção que se promovia em seu governo.

B - As duas interpretações são:  
"Getúlio sabia tanto, que preparou a carta-testamento."  
"Getúlio sabia, tanto que preparou a carta-testamento."

## Exemplo Abaixo da Média

a) O padrão é que todos os governos sabiam que estavam em crise.

b) A palavra tanto na frase pode ter significado de ênfase da intensidade, de ênfase. O pode ter significado de consequência.

## Comentários

No item **a**, esperava-se que o candidato reconhecesse o padrão que se repetia no trecho em questão. A resposta mais adequada era aquela que apontava um padrão de estrutura da língua (sujeito e predicado), em que os sujeitos eram nomes de presidentes brasileiros, seguidos pelo verbo 'saber'. Para uma resposta adequada, era necessário ainda estabelecer a relação entre esse padrão e a crise política atual, ou seja, mencionar que enquanto outros presidentes sabiam o que acontecia durante seus mandatos, questiona-se hoje se, de fato, Lula sabia da corrupção que ocorria em seu governo. Vários candidatos centraram-se na interpretação da história e do contexto atual, esquecendo-se da questão lingüística, da estrutura que se repetia em todas as frases.

O item **b** pedia duas interpretações possíveis para a palavra 'tanto' na frase em questão. Entretanto, essas interpretações deveriam ser demonstradas através de paráfrases. Para uma resposta adequada, era necessário, portanto, construir paráfrases e não apenas explicar os sentidos de 'tanto' ou citar sinônimos, como muitos o fizeram; ou ainda construir frases que explicavam os diferentes sentidos de 'tanto', mas que ignoravam a frase original. Uma resposta completa deveria conter duas paráfrases: uma que ilustrasse a idéia de quantidade e outra que mostrasse uma relação de causa/conseqüência. Algumas das possibilidades para o primeiro caso foram: 'Getúlio sabia demais...', 'Getúlio sabia muito...', 'De tanto que Getúlio sabia...', etc. Já 'Porque Getúlio sabia...', 'Getúlio sabia pois...' e 'Prova que Getúlio sabia é...' ilustram a relação de causa/conseqüência. Uma outra possibilidade seria apenas mudar a pontuação da frase original, como pode ser observado no exemplo acima da média.

7. O soneto abaixo, de Machado de Assis, intitula-se *Suave mari magno*, expressão usada pelo poeta latino Lucrécio, que passou a ser empregada para definir o prazer experimentado por alguém quando se percebe livre dos perigos a que outros estão expostos:

## Suave mari magno

Lembra-me que, em certo dia, Na rua, ao sol de verão, Envenenado morria Um pobre cão.	Nenhum, nenhum curioso Passava, sem se deter, Silencioso,  Junto ao cão que ia morrer, Como se lhe desse gozo Ver padecer.
Arfava, espumava e ria, De um riso espúrio* e bufão, Ventre e pernas sacudia Na convulsão.	

\*espúrio: não genuíno; ilegítimo, ilegal, falsificado. Em medicina, diz respeito a uma enfermidade falsa, não genuína, a que faltam os sintomas característicos.

- Que paradoxo o poema aponta nas reações do cão envenenado?
- Por que se pode afirmar que os passantes, diante dele, também agem de forma paradoxal?
- Em vista dessas reações paradoxais, justifique o título do poema.

## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

Ao mesmo tempo em que 'arfava', 'espumava' e 'sacudia o ventre e as pernas' – reações esperadas no caso de um animal em convulsão causada pelo veneno –, o cão, surpreendentemente, 'ria' "um riso espúrio e bufão".

### b) (1 ponto)

Pode-se afirmar que os passantes também agem de forma paradoxal porque seria de se esperar deles algum compadecimento diante do sofrimento do animal. No entanto, o que se nota é que 'todo' passante detinha-se, em silêncio, como quem experimenta um prazer ou gozo ao observar o padecimento do animal que ia morrer.

### c) (2 pontos)

O título do poema indica o sentimento de prazer dos passantes que se comportam como se estivessem imunes ao sofrimento de que padece o cão, muito embora ninguém esteja livre da dor e da morte. Por isso, o riso espúrio e bufão do animal agonizante parece assinalar a ironia diante dessa pretensa isenção por parte daqueles que o observam com perversa curiosidade.

## Exemplo Acima da Média

a) O paradoxo está no fato do cão rir, mesmo que falsamente, no momento em que sofria convulsões pelo envenenamento. É uma reação tipicamente de situações de bem-estar para um episódio de sensações ruins.

b) No poema, os passantes também agem de forma paradoxal porque parecem apreciar o momento de agonia do cão, mas cruzam silenciosos o lugar onde se encontra o mesmo.

O título do poema é formado por uma expressão empregada para definir o prazer de estar livre da desgraça alheia. Sua justificativa está nas reações paradoxais apresentadas ao longo do texto: as pessoas gozam o fato de não agonizarem como o cão, mas passam silênciosas e o gozam porque, mesmo perante a morte, não se preocupam com o sentimento macabro de alívio dos passantes.

## Exemplo Abaixo da Média

- A) O paradoxo que o poema aponta está relacionado à dor do cão e ao prazer/curiosidade dos passantes que o assistem.
- B) Normalmente os passantes o ignoram, dando apenas ~~atenção~~ atenção ao cão quando este está morrendo.
- C) O título do poema ~~está~~ ~~está~~ trás a ideia de que damos atenção ao problema de alguém porque nos sentimos aliviados por não ~~estarmos~~ estar sofrendo do mesmo mal, como exemplifica o poema.

## Comentário

A questão de número 7 solicitava a interpretação do poema *Suave mari magno*, de Machado de Assis. Como não havia a necessidade de leitura prévia da obra, esta questão foi, dentre as de literatura, a que obteve o maior número de respostas adequadas. No item **a**, esperava-se que o candidato indicasse que o cão, sofrendo os sintomas da convulsão provocados pelo envenenamento, ria, ao invés de demonstrar sofrimento. Entretanto, para receber os pontos totais deste item, o candidato necessariamente deveria dizer que o cão ria um 'riso espúrio e bufão'. Não era necessário transcrever o verso que continha tal informação, mas indicar que se tratava de um riso falso ou ilegítimo.

No item **b**, o candidato deveria mencionar que os passantes agiam de forma paradoxal pois, em vez de demonstrarem compaixão ao presenciarem a cena de padecimento do cão intoxicado pelo veneno, demonstravam um certo prazer frente ao seu sofrimento. Não foram consideradas as respostas que afirmavam que os passantes ignoravam a presença do cão ou se mantinham curiosos e silenciosos ao mesmo tempo em que o observavam.

Já no item **c**, o título do poema deveria ser justificado tanto pelo sentimento de prazer que os passantes sentiam ao se verem livres do sofrimento alheio, quanto pelo prazer sentido pelo cão diante dos passantes, já que este ria da presunção das pessoas que se imaginavam livres da dor e da morte. A maioria dos candidatos justificou o título do poema apenas do ponto de vista dos passantes e recebeu, portanto, a metade dos pontos válidos para esse item.



8. O trecho abaixo corresponde ao desfecho do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis:

... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo reben-  
tou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões\*, lágrimas  
de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa  
explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

(Machado de Assis, "A causa secreta", em *Obra Completa*, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Agui-  
lar, 1979, p. 519.)

\*em borbotões: em jorros, em grande quantidade

- Explique a reação de Garcia diante do cadáver.
- Explique a repetição do adjetivo 'longa' no desfecho do conto.
- Que relação há entre a atitude de Fortunato e o poema *Suave mari magno*?

## Resposta Esperada

a) (1 ponto)

Garcia nutria uma grande paixão pela esposa de Fortunato, Maria Luísa, mulher de saúde frágil (tísica), cuja doença se agravava pelo comportamento perverso do marido, levando-a à morte. Na cena final, Garcia, supondo-se sozinho no aposento, debruça-se sobre o cadáver de Maria Luísa no caixão para dar-lhe o último beijo de despedida. Esse momento flagrado por Fortunato representa o extravasamento do amor reprimido de Garcia pela esposa do amigo.

b) (2 pontos)

O adjetivo 'longa' é repetido de modo a intensificar e prolongar o 'prazer' perverso ou sádico de Fortunato que, uma vez surpreendido com a cena, se 'delicia' com o grande sofrimento que a morte de sua esposa causa a Garcia. A repetição do adjetivo mimetiza esse 'prazer' na medida em que 'prolonga' a frase.

c) (2 pontos)

Tanto no caso do protagonista do conto, quanto no dos passantes do poema, evidencia-se a perversidade ou sadismo como traço constitutivo da natureza humana. Trata-se de um tema caro à visão pessimista de Machado de Assis. Por isso, é um tema recorrente em sua obra, como bem ilustra ainda a figura da natureza alegorizada como 'mãe e inimiga' no famoso capítulo do delírio do protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em outras palavras, espera-se que o candidato associe o prazer de Fortunato diante do choro de Garcia ao prazer dos passantes diante do sofrimento do cão.

## Exemplo Acima da Média

a) Garcia tem a atitude de beijar o cadáver e não chora compunhivamente diante dele pois se tratava da mulher que ele gostava, que ele amava, mas que nunca tinha recebido seu amor por ela mas uma mulher de seu amigo Fortunato.

b) A repetição do adjetivo "longa" no desfecho do conto se deve a atitude de Fortunato, que gostava com o sofrimento alheio, Fortunato era sádico e para ele quanto mais longo fosse o sofrimento de Garcia mais dele se deleitava.



c) A atitude de Fortunato se assemelha à ~~essa~~ atitude de dor curiosa descrita no poema que observavam o cão padecer. Em ambos os casos parece haver gozo e satisfação com o sofrimento alheio, ~~ambos~~ ambos sentiam prazer em presenciar a dor do outro. Fortunato sentia prazer em ver Garcia sofrer enquanto o curador do poema sentiam prazer em ver o cão sofrer.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Garcia estava inclinando-se outra vez para dar "adeus" ao cadáver, mas não conseguiu se conter do triste zo e começou a chorar.

b) O mesmo adjetivo é utilizado várias vezes para dar ênfase que o sofrimento de Garcia foi grande.

c) Diante da situação de tristeza, as pessoas agem de forma diferente, no poema "Suave mari magno" as pessoas se sentem "felizes" por não estar na situação do cachorro, já Fortunato, chora e sofre pelo morte de sua amada.

## Comentários

No item **a** da questão 8, esperava-se que o candidato identificasse a reação de Garcia como a consequência da paixão secreta ou do amor reprimido que este sentia por Maria Luísa, esposa de Fortunato. Um amor que, por não ter sido revelado, intensificou a dor de Garcia, que não conseguiu exteriorizá-lo antes da morte da amada. Muitos candidatos responderam equivocadamente esse item a partir do trecho "(...) lágrimas de amor calado, e irremediável desespero." Assim, afirmaram que Garcia chorava pela morte da esposa ou que chorava de tristeza pela morte da amante.

No item **b**, muitos candidatos responderam que o motivo da repetição do adjetivo *longa* se dava pelo fato de o sofrimento de Garcia ter sido muito demorado. Entretanto, para uma resposta adequada, o candidato deveria fazer referência aos sentimentos de Fortunato, sentimentos esses de extremo prazer; um prazer sádico ao ver o amigo sofrendo pela morte de Maria Luísa e a maneira demorada como Fortunato sentia esse prazer perverso. Ou seja, a repetição do adjetivo tinha relação com a intensificação e o prolongamento do prazer sentido por Fortunato.

No item **c**, a resposta esperada para definir a relação existente entre os passantes do poema *Suave mari magno* e Fortunato é o sentimento de prazer perverso, próprio da natureza humana, experimentado por ambos; sadismo em ver o cão padecendo e prazer em ver o sofrimento de Garcia frente à morte da amada, respectivamente.

9. A novela de Guimarães Rosa “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, além de ser ela própria uma estória de vaqueiro, contém outras estórias de boi narradas pelas personagens. Uma delas é a de “Destemida e a vaquinha Cumbuquinha” narrada por Joana Xaviel. Ao ouvirem a história, as pessoas presentes na festa de Manuelzão têm a seguinte reação:

Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas – uma segunda parte, o final – tinha de ter!

(João Guimarães Rosa, “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, em *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.181.)

a) Por que os ouvintes têm a impressão de que a estória está inacabada?

b) Cite outra estória de boi narrada dentro novela.

c) A novela é narrada em discurso indireto livre, misturando as falas e pensamentos das personagens com a fala do narrador. Identifique uma passagem do trecho citado acima em que essa mistura ocorre.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Porque eles esperam que a estória termine de forma moralizadora como toda estória, com o mal sendo punido. No caso, eles esperam que Destemida pague por seus caprichos e por seus crimes. Trata-se, em suma, da lógica das narrativas orais tradicionais que fundamentam o conto. É o que o próprio narrador trata de evidenciar em uma passagem anterior ao trecho citado.

b) (2 pontos)

A estória final narrada por Camilo (o *Romanço do Boi Bonito ou a Décima do Boi e do Cavalo*, um relato mítico, exemplar, incorporado à novela), cujo núcleo temático trata das proezas do vaqueiro Menino, que consegue capturar um boi bravo e indomável com o auxílio de um cavalo encantado. Além da *Décima* de Camilo, a própria novela “Estória de amor”, estória de Manuelzão, pode ser considerada uma história de vaqueiro.

c) (1 ponto)

Por exemplo, na seguinte passagem: “Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte?”

## Exemplo Acima da Média

a) Tal reação dos ouvintes deve-se ao fato de tal estória, diferentemente das outras, não apresentar um final feliz, no qual o Bem sempre vence. Na estória em nada não houve nenhuma punição à maldade da mulher do vaqueiro, o que dá a impressão que a estória não acabou.

b) A estória do Boi Bonito. Existia em uma fazenda um cavalo, que ~~era~~ um único dono foi capaz de montar, ~~o~~ entretanto, este ~~o~~ dono se está morto.

Na mesma fazenda apareceu um boi que nenhum dos vaqueiros conseguia domar. Um dia apareceu um sujeito misterioso, chamado de menino, que montou em tal cavalo e domou o boi. No final, tal sujeito ganhou o cavalo e pediu que o boi não seja preso.

c) Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa?

## Exemplo Abaixo da Média

a) Os ouvintes tem a impressão de a história estar inacabada pois Joana Xavier não explicita o fim da vaquinha Cumbuquinha não tendo o desfecho esperado.

b) Outra história pode ser Carro de Bois.

c) "A Joana Xavier dizia que não, que assim era que sabia, não havia outra maneira. Mentira dela?"

pode ser um trecho onde a mistura ocorre

## Comentários

No item **a**, para receber a nota total desse item, era necessário que o candidato reconhecesse que os ouvintes da história de "Destemida e a vaquinha Cumbuquinha" esperavam um final *moralizador*, assim como a *punição do mal*. Muitos candidatos retomaram o enredo dessa história para explicar a ausência da função moralizadora e da impunidade de Destemida. Na história, Destemida, por puro capricho (alegando estar grávida), roga ao marido um pedaço da carne de Cumbuquinha, a vaca preferida do homem rico para quem o marido trabalhava. Ao descobrir a verdade sobre a morte de Cumbuquinha e tentar contá-la ao filho, a mãe do homem rico é envenenada por Destemida, que, também por capricho, atea fogo na casa onde ocorria o velório, terminando assim a história narrada por Joana Xavier. Os ouvintes esperavam que Destemida fosse punida por seus atos perversos.

No item **b** o candidato poderia ter respondido que se tratava do 'Romance do Boi Bonito' ou a 'Décima do Boi e do Cavallo'. No entanto, também foram aceitas as respostas que apresentavam um breve resumo do núcleo dessa história, um vaqueiro desconhecido que atendia pelo nome de Menino, que capturou um boi indomável com o auxílio de um cavalo encantado. A própria história de Manuelzão é uma história de boi e por isso também foi considerada como uma das respostas possíveis.

O item **c** foi o mais respondido pelos candidatos nesta questão, já que poderia ser respondido sem a leitura da obra. Algumas respostas possíveis eram: 'Mas essa história estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte?' e 'A Joana Xavier dizia que não, assim era que sabia, não havia outra maneira. Mentira dela?'.

10. Leia o seguinte diálogo de *O demônio Familiar*, de José de Alencar:

Eduardo – Assim, não amas a tua noiva?

Azevedo – Não, decerto.

Eduardo – É rica, talvez; casas por conveniências?

Azevedo – Ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pode-se viver.

Eduardo – E viver brilhantemente; porém não compreendo então o motivo...

Azevedo – Eu te digo! Estou completamente *blasé*, estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões; Paris me saciou. *Mabille* e *Château des Fleurs* embriagaram-me tantas vezes de prazer que me deixaram insensível. O amor é hoje para mim um copo de *Cliqcot* que espuma no cálice, mas já não me tolda o espírito!

(José de Alencar, "O demônio familiar" (Cena XIII, Ato Primeiro), em *Obra Completa*, Vol. IV. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960, p. 92.)

- a) O que o diálogo acima revela sobre a visão que Azevedo tem do casamento?
- b) Em que essa visão difere da opinião de Eduardo sobre o casamento?
- c) Que ponto de vista prevalece no desfecho da peça? Justifique sua resposta.

## Resposta Esperada

a) (1 ponto)

O diálogo evidencia a visão que Azevedo tem do casamento como uma união onde não há lugar para o sentimento amoroso nem para o interesse econômico. Azevedo afirma que não ama a noiva e que desfruta de uma condição financeira estável. Casa-se porque se cansou da vida boêmia e mundana que levava, inclusive em Paris. Em sua pose *blasé* de homem rico, culto e viajado, vê o casamento apenas como uma necessidade social para quem pretende ingressar na política. A esposa, nesse caso, lhe é conveniente para manter as aparências sociais, como um adorno.

b) (2 pontos)

A visão que Eduardo tem do casamento e da família é, por assim dizer, oposta. Ele defende os valores éticos e morais, que identificam o ideal burguês de família e sociedade. Para Eduardo, é no seio familiar, e não na vida política ou mundana, que residem os verdadeiros valores da sociedade, a serem preservados e cultivados por meio do casamento e dos sentimentos verdadeiros.

c) (2 pontos)

O ponto de vista de Eduardo prevalece no final da peça, pois é ele quem se casa com Henriqueta (cujo noivado com Azevedo fora desfeito), fortalecendo os laços amorosos, os vínculos familiares e os valores morais. Após a troca de correspondências realizada pelo escravo (o "demônio familiar"), o mal-entendido entre Eduardo e Henriqueta se desfaz e os sentimentos verdadeiros e os valores éticos, fundamentais para a sociedade, são afirmados.

## Exemplo Acima da Média

- A. O diálogo revela que Azevedo vê o casamento como uma conveniência. Para ele, não é preciso amar, apenas ser um bom negócio. No seu caso, pretende ter Henriqueta ao seu lado apenas para que ao verem-no casado com uma moça bela, admirem-no mais ainda.
- B. Eduardo, ao contrário de Azevedo, acha que o sentimento deve estar presente no casamento. É preciso o marido e a esposa amarem-se a fim de formar um lar e uma família, conceitos tão sagrados para Eduardo, e que devem ser preservados.
- C. Prevalece o ponto de vista de Eduardo, já que o casamento entre Azevedo e Henriqueta não ocorre, e dá-se a entender que Eduardo e Henriqueta, que realmente se amavam apesar dos desencontros, ficam juntos. Prevalece a moral da família segundo a visão de Eduardo.

## Exemplo Abaixo da Média

- A) Revela que Azevedo vê o casamento sem sentimento ou desejo algum, algo apenas supérfluo.
- B) A visão de Eduardo difere da de Azevedo pois este vê o casamento como uma forma de enriquecer na vida, ganhar status e fortuna.
- C) O de Eduardo, pois este consegue se casar com uma moça rica, cheia de fortuna e consequentemente ele ganha um bom dote, enriquecendo assim e ganhando status.

## Comentários

No item **a**, esperava-se que o candidato percebesse a visão pouco comum de Azevedo em relação ao casamento, pois não era motivado por amor tampouco por dinheiro. Casou-se apenas por estar enfiado da vida boêmia e dos prazeres mundanos e por pretender seguir carreira política. Assim, caso ostentasse uma bela esposa ao seu lado, seria bem visto pela sociedade. Qualquer uma das respostas acima foi aceita como resposta adequada. Este item poderia ser respondido independentemente da tradução dos termos em francês presentes na fala de Azevedo já que pelos termos 'estou gasto para essa vida', 'Paris me saciou', 'embriagaram-me tantas vezes de prazer que me deixaram insensível' ou 'mas já não me tolda o espírito' era possível subentender o cansaço da vida boêmia sentido por ele.

No item **b** o candidato, além de explicitar a visão de Eduardo frente ao casamento, também deveria contrapor à visão de Azevedo. O primeiro vê o casamento como constituição de uma família, como uma instituição baseada nos sentimentos verdadeiros e nos valores éticos e morais. Já o segundo vê o casamento apenas como uma maneira conveniente de fugir da vida boêmia e seguir a vida política. Os candidatos encontraram dificuldades para responder este item, já que perceberam o casamento apenas pelo sentimento amoroso, não cumprindo por completo a tarefa proposta.

No item **c**, o candidato deveria perceber que no final da obra predomina o ponto de vista de Eduardo, já que esse se casa com Henriqueta e Azevedo retorna sozinho à Europa. Eduardo e Henriqueta se amavam, mas após um mal-entendido causado por Pedro, o demônio familiar, Henriqueta torna-se noiva de Azevedo. Após vários desencontros, o casal se une novamente e a peça se encerra com o triunfo dos valores éticos e dos sentimentos verdadeiros. Os itens **b** e **c** exigiam a leitura prévia da obra e, por isso, apresentaram um número menor de respostas adequadas.

11. Leia o poema abaixo de António Osório:

## Ignição

Meus versos, desejo-vos na rua, nas padiolas, pelo chão, encardidos como quem ganha com eles a vida, e o papel vá escurecendo ao sol, a chuva o manche, a capa ganhe dedadas, a companhia aderente de um insecto, as palavras se humiludem mais e chegue a sua vez de comoverem alguém que compre, um faminto ajudando.	Meus versos, desejo-vos nas bibliotecas itinerantes, gostaríeis de viajar por aldeias, praias, escolas primárias, despertar o rápido olhar das crianças, estar nas suas mãos completamente indefeso e, sobretudo, que não vos compreendam. Oxalá escrevam, risquem, atirem no recreio umas às outras como pélas* os livros e sonhem, se possível, com algum verso que súbito se esgueire pela sua alma.
--	---

\* pélas: bolas

- A quem o eu lírico se dirige no início de cada estrofe?
- No início da segunda estrofe, que reações contraditórias ele espera das crianças?
- Ao final da segunda estrofe, que desejo ele manifesta a respeito do futuro da poesia?

## Resposta Esperada

a) (1 ponto)

O uso da segunda pessoa do plural (*desejo-vos*) indica que o eu lírico dirige-se inicialmente aos seus próprios versos por meio do vocativo.

b) (2 pontos)

A partir do início da segunda estrofe, o eu lírico manifesta desejo de que as crianças sejam leitores de seus versos, que tenham curiosidade por eles e, contraditoriamente, que tais versos não sejam por elas compreendidos.

c) (2 pontos)

O desejo expresso no poema revela uma vontade de que os versos se tornem parte da vida, que sejam fonte de emoção e sensibilidade para as crianças que deles façam uso como objetos lúdicos e, um dia, sintam-se tocadas pela emoção da poesia ("... e sonhem, se possível, com algum verso / que súbito se esgueire pela sua alma."). O eu lírico espera que o estranhamento, a incompreensão e mesmo a atitude lúdica sejam estímulos para futuras leituras e criações poéticas.

## Exemplo Acima da Média

- No início de cada estrofe o eu lírico se dirige aos próprios versos.
- O eu lírico espera que as crianças não compreendam seus versos, mas, mesmo assim, brinquem e se interessem por eles.

c) No final da segunda estrofe o eu lírico expressa seu desejo de despertar nas crianças a inspiração e o gosto pela (poesia), para que elas, "se portuem", dêem continuidade à arte de fazer poemas. Como o título sugere, os versos do eu lírico seriam a "ignição" nas almas das crianças, os futuros poetas.

## Exemplo Abaixo da Média

- a) O eu lírico dirige-se no início de cada estrofe ao livro.
- b) Ele espera, no início de cada estrofe, que as crianças, mais tarde os livros (extraiquem os) os unidos de lê-los.
- c) Ao final da segunda estrofe o autor manifesta o desejo de que no futuro apareça formas novas de poemas, diferentes das que existem hoje, com que tenham raiz na alma do poeta, uma poesia nova, com características diferentes, as quais se sejam diferentes das poéticas atuais (o poeta imagina que as poéticas podem não ser inspiradas nas que existem hoje).

## Comentários

A questão de número 11 exigia do candidato uma leitura mais superficial e outra mais aprofundada do poema de Antônio Osório; a primeira leitura aplicava-se ao item **a**, e a segunda aos itens **b** e **c**.

No item **a** esperava-se que o candidato respondesse que o eu-lírico, através do vocativo 'desejovos', dirigia-se aos seus próprios versos. Esse item da questão obteve o maior número de respostas corretas, pois a tarefa era de fácil realização. Apesar disso, alguns candidatos, equivocadamente, citaram como resposta 'livros', 'crianças', 'bibliotecas' e 'pessoas humildes'. Ou seja, fizeram uma leitura equivocada dos últimos versos da primeira estrofe do poema e dos primeiros versos da segunda estrofe, como pode ser observado no exemplo abaixo da média.

Já no item **b**, o candidato deveria reconhecer que a contradição estava no fato de o eu-lírico revelar o desejo de que as crianças tivessem uma atitude de interação e curiosidade por seus versos e, ao mesmo tempo, que esses mesmos versos não fossem compreendidos. A resposta adequada, que levaria o candidato a receber os pontos totais deste item, teria que contemplar a atitude de interesse das crianças e, contraditoriamente, de incompreensão dos versos.

No item **c**, o candidato deveria explicar que o eu lírico esperava que a incompreensão e o estranhamento das crianças com os versos, num primeiro momento, se manifestassem futuramente em forma de criações poéticas, ou mesmo através da leitura de outros poemas, e, que, por conseqüência, se tornassem parte de suas vidas. Muitos candidatos responderam que o desejo do eu lírico era de que os versos fossem rasgados e jogados, leitura equivocada de "Oxalá escrevam, risquem, atirem no recreio/ umas às outras como pélas os livros". Essa interpretação, portanto, foi considerada inadequada.



12. Leia a seguinte passagem de *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes:

Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao *napalm* da *gillete*, um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

(Antonio Lobo Antunes, *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.213.)

- A que guerra se refere o narrador?
- Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?
- Que recurso estilístico ele utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? Cite dois exemplos.

## Resposta Esperada

a) (1 ponto)

O narrador refere-se à Guerra Colonial, ou seja, à guerra ocorrida entre 1961-1975 na qual Portugal enviou tropas além-mar para reprimir as tentativas de emancipação nacional de sua colônia africana, Angola, por meio de táticas de guerrilha e luta armada. Criou-se um sistema de repressão com a formação de milícias armadas (PVDE e PIDE). A guerra ocorre durante a ditadura salazarista (1933-1975), período de vigência do Estado Novo português.

b) (2 pontos)

Porque o narrador, depois de ter passado vários anos na África, a serviço do exército português, vive em Lisboa, no momento da narração, mas não consegue se libertar das lembranças e das experiências traumáticas da guerra de Angola. O uso do tempo verbal reitera a persistência dessas lembranças traumáticas no presente.

c) (2 pontos)

Para evidenciar a presença constante das lembranças traumáticas, o narrador utiliza imagens metafóricas que aproximam a geografia da guerra em África aos hábitos mais banais do cotidiano, como o de escovar os dentes, fazer a barba etc. Dito de outro modo, o narrador traz as lembranças de uma guerra, distante no tempo e no espaço, para as necessidades e os cuidados diários com seu corpo, indicando por meio de metáforas a *incorporação* da experiência dramática da guerra ao seu cotidiano. Como exemplos, pode-se citar, "um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal"; "a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda"; "a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao *napalm* da *gillete*"; "um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras".

## Exemplo Acima da Média

Ⓐ O narrador se refere à guerra de independência de Angola.

Ⓑ O narrador utiliza o presente do indicativo porque apesar de ele não estar mais na guerra ele não conseguiu superar os ferimentos que lá viveu, permanecendo a guerra na vida do narrador, no cotidiano dele.

Ⓒ O narrador utiliza-se de comparações e de metáforas para aproximar a guerra do seu cotidiano, como visto em: "cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda" e em "a minha barba é a floresta do Chalala".

## Exemplo Abaixo da Média

- a) Ele refere a uma guerra que ocorreu na Europa.
- b) Pois ele ainda se encontra na guerra.
- c) O mundo estilístico é personificado.  
Ex: - Um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal;  
- A minha barba é a floresta do chalala a resistir ao napalm da gillete.

## Comentários

Apesar de ter sido a primeira vez que esse livro foi escolhido como tema para uma das questões da prova de literatura da Unicamp, os candidatos que leram a obra não tiveram dificuldades em responder os itens **a** e **b** por serem perguntas referentes ao enredo geral da obra. No item **a**, esperava-se que o candidato respondesse que a guerra em questão era a Guerra Colonial. Foram consideradas respostas que mencionavam os motivos da guerra, mesmo sem citar seu nome.

No item **b**, o candidato deveria ressaltar que o personagem-narrador não conseguia se libertar dos traumas e das experiências dramáticas da guerra, e que essas lembranças continuavam presentes em seu cotidiano. O candidato também poderia detalhar mais esse trauma, mencionando ter sido ocorrido durante experiência do personagem como médico junto ao exército português na África. Para receber a pontuação completa, entretanto, era necessário ressaltar que as memórias da guerra, mesmo após anos, ainda persistiam como uma lembrança viva.

No item **c**, o candidato deveria responder que as lembranças da guerra eram constantes e se refletiam no dia-a-dia como imagens metafóricas, traçando um paralelo entre a geografia da guerra e os hábitos cotidianos triviais, como a higiene pessoal. O candidato poderia citar exemplos de incorporação das imagens traumáticas da guerra: 'deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal'; 'cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda'; 'a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao *napalm* da *gillete*'; 'um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras'. Apesar de ter sido o item mais respondido nesta questão, a maioria dos candidatos recebeu apenas a metade dos pontos possíveis, já que citaram apenas os exemplos sem mencionar a metáfora como o recurso estilístico utilizado, como podemos ver no exemplo abaixo da média.